

Documenta

O Centro de Estudos Clássicos
(CEC) de Brasília. Entrevista com
Ordep Serra. Parte I: Os
Antecedentes do CEC.¹

Resumo

Primeira parte de uma série de três entrevistas com Ordep Serra a respeito do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Brasília (CEC-UnB). Nesta entrevista são apresentados os antecedentes e primeiros momentos do CEC-UnB.

Palavras-chave: Centro de Estudos Clássicos, Universidade de Brasília, Eudoro de Sousa.

Abstract

First part of a series of three interviews with Ordep Serra about the Center for Classical Studies at the University of Brasília (CEC-UnB). In this interview, the background and first moments of the CEC-UnB are presented.

Keywords: Center for Classical Studies, University of Brasília, Eudoro de Sousa.

1 Entrevista realizada em 1/3/2021 via plataforma Zoom, Ordep Serra em Salvador, e Marcus Mota em Brasília. A entrevista é parte integrante das fontes para a pesquisa “Tradição e Interdisciplinaridade: Memórias do CEC-UnB”, possibilitada pelo edital Ceam 001/2020. As siglas: MM= Marcus Mota; OS= Ordep Serra. Os diálogos/entrevistas, em número de três, foram realizados por Marcus Mota, e transcritos pela pesquisadora Mariana L. Belchior (PPG Metafísica-UnB). Posteriormente, este material transcrito foi revisado, editado, para esta publicação, com a inserção de notas explicativas. Para mais sobre Ordep Serra e suas obras, v. <https://ordepserra.wordpress.com/>.

MM: O que eu tinha planejado para nós, é o seguinte: primeiro, a gente começar com os antecedentes do CEC. Na história tão importante e relevante e pouco conhecida do CEC sempre se destaca a figura do Eudoro, mas tem muita gente envolvida nisso, não é? E como já muitas dessas vezes se silenciaram, eu recorri a você, como uma voz superativa e profissional. Vou compartilhar com você um achado: a matéria “Civilização Clássica em Brasília” da Yvonne Jean no Correio Braziliense de 18 de Abril de 1962².

2 Sobre a jornalista, escritora, tradutora e intérprete Yvonne Jean (1911-1981), v <https://www.cafehistoria.com.br/yvonne-jean-brasilia-e-a-unb-1962-1965/>. Para seu acervo no Arquivo público do DF v. link: <https://www.arquivopublico.df.gov.br/yvonne-jean/>. Ela muda-se para Brasília em 1962 e trabalha no Centro de Extensão da Universidade de Brasília, vindo a convite de Darcy Ribeiro. Veja ao fim deste artigo a transcrição dessa entrevista.

Civilização Clássica em Brasília

YVONNE JEAN

Teremos em Brasília, um Centro de Estudos das Línguas e Culturas Clássicas. Quando se fala numa nova iniciativa da nossa Universidade, não se deve empregar o futuro, pois nesse centro de educação superior essencialmente jovem, o entusiasmo jamais permite que muito tempo separe o projetado do realizado! Portanto, corrijo minha primeira frase e passo a escrever: a UNB já está organizando o seu Centro de Estudos das Línguas e Culturas Clássicas.

O professor Eudoro de Souza chegou, há dois dias, de Florianópolis para tomar as primeiras providências a respeito. Este classicista apaixonado era a pessoa indicada para dirigir um organismo que há de despertar interesse e respeito para com o classicismo na juventude universitária brasiliense.

Quando lembrei o interesse sempre menor pelo grego e latim no ensino de nível médio e a tendência de suprimi-los dos currículos secundários, o professor Eudoro de Souza respondeu que não se deve considerar o grego e o latim como línguas simplesmente, mas como um dos aspectos do conjunto que se chama cultura.

— Assim, já não parecerá inútil. Além do mais, o estudo dos clássicos é do maior interesse para o conhecimento da tradição cultural no Ocidente. Basta lembrar os grandes temas de um Eurípides e sua influência sobre um Shakespeare ou um Racine.

Desprezando o aspecto de ginástica mental, muito citado pelos defensores do latim nas escolas, que não acha argumento válido, pois a matemática já é uma belíssima e suficiente ginástica, Eudoro de Souza declara que pretende despertar não só o interesse mas também a vontade de colaboração individual, nos alunos, incentivando a pesquisa individual e facilitadora com um museu, biblioteca, cinema e tudo o mais.

— Meu Deus, uma das coisas que mais me divertem, é o ambiente pseudo-grego dos filmes chamados "históricos". Quando vejo a concepção dos cineastas norte-americanos que derramam fitas pseudo-educativas sobre a juventude, fico bem humorada pois é por demais engraçado e tudo divulga exceto a alma grega e todos os técnicos possui exceto um peço to em classicismo!

Eudoro de Souza é um homem bem-humorado e por isso

é de esperar que este grande estudioso dos filósofos da Antiguidade consiga o contacto com os estudantes. O contacto sem o qual não se desperta a centelha sagrada.

Este Português, que foi Diretor de Estudos no Centro de Estudos Filológicos do Instituto para a Alta Cultura do Ministério da Educação de Portugal possui sem dúvida a centelha sagrada! Aperfeiçoou-se na França — fez estudos superiores no Instituto Católico de Paris e no Collège de França — e na Alemanha — foi leitor de português na Universidade de Heidelberg enquanto fazia estudos clássicos.

Chegou ao Brasil em 1953 como bolsista. Colaborou na cadeira de Língua e Literatura Gregas da Faculdade de Filosofia da Universidade de S. Paulo.

Em 1955, foi contratado como catedrático pela Universidade de Santa Catarina. Ensinou a língua e a literatura gregas na Faculdade de Filosofia de Florianópolis.

Nos primeiros dias de maio, o professor Eudoro de Souza estará instalado, definitivamente, entre nós. Ao acompanhar este filósofo no seu primeiro passeio de automóvel em Brasília sorri, por minha vez, ao observar o impacto causado pela arquitetura e ouvir este estudioso de séculos tão afastados, que vive há sete anos na encantadora e mui pacata ilha de Florianópolis, exclamar, primeiro: "compreendi o ritmo-UNB... naturalmente que esses tacos que estão colocando agora, já estarão enfiados amanhã de manhã!" olhar em redor e respirar fundo nesses tetos com pestres imensos e declarar calma e paradoxalmente na cidade moderníssima com a qual acabara de travar conhecimento: "Brasília é mesmo o lugar ideal para ensinar a civilização clássica...!"

Produz Menos Algodão

GARIBALDI DANTAS

cializadas do desencantado mundo vermelho.

O Comitê Internacional de Algodão, que é o Fórum Mundial dessa matéria-prima, tem tido imenso trabalho em retificar, mensalmente, as estatísticas da produção mundial de 1961-62, ainda em curso, dada, por antecipação, na reunião de Tóquio, como maior do que a anterior, mas que, na realidade, já lhe fica sensivelmente,

ções são fragmentárias. A mais sensacional é a que admite possa haver, no México, neste ano, redução de 700.000 fardos, que é quase a terça parte das colheitas normais anteriores. Diz-se que essa redução resulta de desânimo entre os lavradores pelo baixo nível de preços em vigor, nos últimos tempos. Da nova produção dos

(Conclui na 7a. página)

MM: Observe, ela leva Eudoro pra passear pela cidade, dois dias depois de ele chegar {de Santa Catarina} e faz essa entrevista. O artigo faz um retrospecto de Eudoro, publica as falas dele, e projeta o que esperar desse grande estudioso dos filósofos da antiguidade clássica. Uma falinha de Eudoro no final: “Brasília é mesmo lugar ideal para {se} ensinar a civilização clássica”, porque é uma cidade nova, que tinha tudo a se fazer, e a UnB, em construção. O CEC está dentro do projeto da própria UnB, ele tá escrito dentro do projeto diretor da própria Universidade. Algo pouco comentado é que Eudoro e CEC estão na Fundação da UnB. Lembrando que ano que vem {2022}, a UnB completa 60 anos, essa é uma das razões dessa série de entrevistas. O que estamos fazendo aqui juntos é algo {que faz} parte dos eventos - lembrar e celebrar essa memória afortunada dos Estudos Clássicos. E, assim, o nosso encontro de hoje é justamente falar sobre como é que se deu essa formação do CEC, qual a sua visão em relação a essa formação inicial. Pelo que sabemos, uma coisa que se destaca é a de um grupo baiano relacionado a Agostinho da Silva, que era o contato de todos³.

OS: O Agostinho teve um papel muito importante na formação do próprio CEC. Não podemos esquecer que foi ele quem recomendou a Darcy Ribeiro o nome de Eudoro de Sousa⁴. Primeiro, eles foram colegas na Universidade Federal de Santa Catarina e também em São Paulo. Eles se encontraram em São Paulo e participaram do chamado “Grupo de São Paulo”, e depois foram para Santa Catarina⁵. Ele disse que o que não pode faltar nessa Universidade é um Centro de Estudos Clássicos para todo mundo, o *start* é você ter uma pessoa ideal, assim como é Eudoro de Sousa, e lá o apresentou a Darcy Ribeiro, que o ouviu e se encantou e mandou buscar Eudoro de Sousa. Agostinho foi também durante um pequeno período coordenador do Centro de Estudos Clássicos, numa época em que o Eudoro tira uma licença, férias, não sei. Agostinho da Silva era um grande latinista: traduziu Virgílio, Terêncio... Ele tinha um domínio perfeito do latim, era com quem a gente tirava as dúvidas nas coisas de latim. Ele escrevia em latim, e, quando foi preciso a UnB enviar uma carta ao Papa, foi ele quem redigiu a carta. Ele tinha uma brincadeira com Eudoro, não sei se eu já te contei isso, que mostra bem o nível de Cultura e conhecimento dos dois. Eudoro era basicamente helenista, ele conhecia o latim mas não daquela maneira tão completa, e Agostinho escrevia para ele em latim e caprichava, bo-

3 Agostinho da Silva (1906-1994) pensador português de múltiplas facetas que participou ativamente da modernização universitária brasileira entre 1947 e 1969, como a fundação de universidades e centros de estudos.

4 Darcy Ribeiro (1922-1977) pesquisador, polígrafo e ex-ministro de Educação do Brasil, um dos criadores da UnB e seu primeiro reitor.

5 Grupo que se reunia em torno da revista *Diálogo* (1955-1963), dirigida por Vicente Ferreira da Silva (1916-1963). Sobre o grupo, v. CESAR (2000).

tava aquele latim de renascentista, método rebuscado, e Eudoro ficava furioso e respondia em grego. Era uma correspondência engraçada.

Explicar por que os baianos foram pra lá {Brasília} - foi um grupo baiano que participou logo da aurora do Centro dos clássicos. Agostinho teve uma participação muito grande na Universidade Federal da Bahia, no tempo do reitor Edgar Santos, que foi um reitor muito brilhante que revolucionou tudo⁶. Ele criou a escola de arte que marcou época no Brasil. A escola de música, a escola de dança com Yanka Rudzka e depois Rolf Gelewsky - ele trouxe o melhor da Alemanha e da Suíça naqueles países que tinham muita gente competente nessas áreas⁷. Ele levou Agostinho também, que fundou na Universidade Federal da Bahia o Centro de Estudos Afro-Orientais e, enquanto estava nessa atividade muito grande aqui na Bahia, entrou em contato com vários intelectuais daqui da terra, como José Xavier Carneiro, que morreu esse ano {2020}⁸. Era um filósofo, um homem muito inteligente que foi levado para o Centro de Estudos Clássicos. Agostinho levou também Jair Gramacho, que era um poeta muito interessante, bom muito bom tradutor de Horácio⁹. E era uma figura muito interessante, muito engraçada, e tenho histórias geniais com relação aos dois. Se não me engano, então eles foram os primeiros a ir pra lá.

MM: O Xavier e o Jair Gramacho? Eu fiz uma listinha desse grupo Baiano, tem o Emanuel Araújo¹⁰...

Eudoro de Sousa (1911-1987)

Jair Gonçalves Gramacho (1930- 2003)

João Evangelista de Andrade Filho (1931-2021)

José Xavier de Melo Carneiro (- 2020)

6 Edgar Santos (1894-1962) Reitor da Universidade da Bahia entre 1946 e 1961. Fundada em 1946 após a unificação de diversos cursos na cidade, sob a direção de Edgar Santos, a Universidade da Bahia se estruturou e atraiu intelectuais de diversos países no contexto do pós-guerra.

7 Yanka Rudzka (1919-2008). Bailarina e coreógrafa de origem polonesa, que fundou o pioneiro curso específico de dança no Brasil. Rolf Gelewsky (1930-1988), dançarino, coreógrafo alemão radicado no Brasil a partir de 1960, para substituir Yanka Rudzka na direção da escola de Dança da Universidade Federal da Bahia.

8 José Xavier de Melo Carneiro, após fechamento do CEC, foi professor da Universidade Federal do Ceará, lá defendendo sua tese de livre docência sob o título "A filosofia Grega e a gênese do pensamento teleológico", em 1978.

9 Jair Gonçalves Gramacho (1930- 2003). Outro que teve sua carreira interrompida pelas consequências do Golpe Militar de 64. Sua dissertação de mestrado, ainda inédita, é "Hino Homérico a Demeter: tradução, índice e concordância", defendida no CEC em 1964, sob orientação de Eudoro de Sousa.

10 Emanuel Oliveira Araújo (1942-2000), historiador e professor reintegrado à UnB. Defendeu sua dissertação de mestrado *O Oriente Próximo e o Egeu: elaboração e vigência dos substratos orientais no mundo egípcio desde o neolítico até o século VII a.C.*, em 1968, também sob orientação de Eudoro de Sousa.

Maria Luisa Roque (1924-2006)
Dinah Fernandes Brognoli (????-????)¹¹
Fernando Bastos (1940- 2008)
Emanuel Oliveira Araújo (1942-2000)
Ordep José Trindade Serra (1943-
Suetônio Soares Valença (1944-2006)

OS: Ele veio depois de mim.

MM: O Hermenegildo Bastos e o Fernando Bastos, os irmãos^{12?}

OS: Eles chegaram, o Fernando Bastos chegou também depois de mim, e o Emanuel e o Fernando foram meus alunos de grego!

MM: Então o Xavier, antes de vir para cá, para Brasília, ele já tinha uma atuação na Bahia?

OS: Sim. Ele era licenciado aqui na Bahia em filosofia. Era muito inteligente e estudioso basicamente de Kierkegaard, os existencialistas e fenomenólogos. Era um homem de cultura. Tinha interesse na área dos Estudos Clássicos. Então ele foi para Brasília e fez o mestrado com Eudoro sobre de Diógenes de Apolônio¹³. Um comentário: que eu saiba acho que o único estudo que a gente tem sobre Apolônio, aqui no Brasil e em português. Então, eu e ele fomos uns dos primeiros que chegaram.

MM: Gramacho e Xavier fizeram o mestrado?

OS: Sim, o trabalho de Jair Gramacho foi com a tradução do *Hino Homérico*.

MM: É interessante que esse tipo de prática - tradução e estudo - possibilitam o aprofundamento do texto, esse *Close Reading* a partir do mergulho no texto, que se abre a diversas outras questões arqueológicas, teológicas, filosóficas. Então é uma maneira de você fazer dois movimentos: você detalha o texto, mas, junto com o texto, vem a cultura.

11 Além de ter sido da primeira turma de filosofia da Faculdade de Filosofia de Santa Catarina, graduando-se em 1957, Dinah Brognoli publicou pela mesma faculdade a obra "Cerâmica", em 1956.

12 Fernando Bastos (1940- 2008) tornou-se o discípulo mais próximo de Eudoro, contribuindo e muito para o renovado contato interesse nas obras do mestre. Foi professor no Departamento de Filosofia da UnB até se aposentar. Seu irmão, Hermenegildo Bastos (1944-2020), foi professor no Instituto de Letras da UnB.

13 Diógenes de Apolônia (499 a.C-428 a.C) , considerado o último dos filósofos pré-socráticos. A dissertação de mestrado de José Xavier de Melo Carneiro não foi encontrada.

OS: Que era uma coisa muito de Eudoro. Ele concebia a filologia clássica como *Altertumswissenschaft* típica da formação alemã dele e também essa visão contra o beletismo¹⁴. Ele era muito hostil a isso, àquela visão de que só literatura importa - o estudo das culturas clássicas tem que ter uma profundidade antropológica e histórica. Ele sempre batia muito nisso, até brincava sobre a maneira como muitos veem os gregos e os romanos antigos: para esses, só haveria a mão para escrever. Na verdade, tinham o corpo todo, muitas outras coisas também. Ele insistia muito na necessidade de se considerar todo o horizonte das grandes culturas mediterrâneas. Ele tinha um conhecimento bom de Arqueologia e História Antiga e dava para gente logo aquela visão que é preciso pensar no mundo Mediterrâneo como uma cultura grande. Então, isso era muito característico de Eudoro.

Os primeiros baianos que foram para lá foram todos pela mão de Agostinho da Silva. Eu o conheci também aqui na Bahia: estava no colegial nessa época, e Agostinho trabalhava no Centro de Estudos Afro-Orientais, e era uma espécie de grande consultor de Edgar Santos. Ele tinha um gabinete lá no subsolo da Reitoria, e foi fazer uma conferência lá no meu colégio - eu estudava num colégio de jesuítas, o Antônio Vieira - e eu fiquei encantado com a conferência dele e comecei a procurá-lo para conversar. Eu tinha uns 16 ou 17 anos nessa altura. Ele era aquela pessoa muito receptiva e gostava de conversar com jovens como eu. Então foi assim que fiz essa ligação com Agostinho. Eu já sabia algum latim, já tinha lido Virgílio, mas eu tinha aquela loucura por Homero e ele me disse: "Olha, se você for a Brasília, você pode ficar lá com Eudoro de Sousa. Grande homem, é sério, e tem uma cultura clássica extraordinária." E foi assim que eu fui, com ajuda de Roberto Pinho, que era uma espécie de secretário de Agostinho da Silva e que era meu amigo¹⁵ e foi secretário de Agostinho no Centro Brasileiro de Estudos Portugueses. Também por intermédio de Agostinho foram Emanuel Araújo e o Fernando Bastos.

MM: Mas vamos entrar um pouquinho nessa sua vida. Foi uma aventura! Você vem para Brasília com quantos anos, dezoito?

OS: 18 anos, por aí.

MM: E deixou tua família, tudo para vir para cá?

OS: Deixei tudo, a loucura que eu tinha em ler Homero...

14 Em alemão, "Ciências da Antiguidade", projeto de inclusão das atividades filológicas-literárias em contextos e disciplinas históricas a partir do cientificismo do século XIX.

15 Antropólogo, discípulo de Agostinho da Silva, tendo participado dos projetos do Centro de Estudos Afro-Orientais, do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, do Museu Atlântico Sul, da Casa Reitor Edgard Santos, entre outros.

MM: Engraçado que foi Homero quem me levou para os clássicos. Homero atrai muita gente.

OS: Pois é, eu fui pra lá na intenção de ler Homero. A minha grande ambição era ler o Homero no original. Já tinha lido Virgílio, entende, mas eu era fascinado por Homero. Então eu era um pobre de uma família de negros pobres do recôncavo de uma maneira sertaneja. Eu estudei no colégio, eu consegui uma bolsa, eu não tinha um tostão. Não sei nem como eu consegui viajar para Brasília, eu acho até que consegui uma carona de carro.

MM: E daí que você chegou com uma carta de Agostinho?

OS: É, eu vim com a recomendação de Agostinho e com dinheiro que meu colega Roberto Pinho me emprestou – olha, o dinheiro que ele me emprestou e eu nunca paguei totalmente. Os primeiros anos de Brasília, eu era jovem, vivia na dureza. Eu fiz amizade com os vigias da Universidade, que tomavam conta daqueles prédios todos, inclusive o restaurante. O restaurante era pago, eu tinha pouco dinheiro, mas à noite os vigias abriam o restaurante para mim. Aí tudo bem, eu comia.

MM: Era a única refeição?

OS: Não era: eu também almoçava e, às vezes, eu convidava o Xavier para almoçar comigo na casa dele e outros amigos não, é? Ou algum dinheirinho, e no restaurante da Universidade, que era barato, né.

MM: Mas o Xavier você conhecia da Bahia?

OS: Conhecia já daqui da Bahia, ele e a mulher dele, a Zélia Rocha, que era uma médica e foi uma grande médica de Brasília e da Universidade de Brasília. Ela atendeu muita gente. Ela era psiquiátrica e também parteira e fez muito parto lá. Foi ela quem acudiu os dois candangos, você se lembra do Auditório Dois Candangos¹⁶?

MM: Sim..

OS: Pois bem, o nome é por causa dos candangos que morreram lá soterrados, e ela foi a que primeiro socorreu. Quem deu o primeiro socorro foi a Zélia. História importante na origem da UnB. Então, já tinha esses amigos que me

16 Situado próximo à Faculdade de Educação, o nome é uma homenagem aos pedreiros Expedito Xavier Gomes e Gedelmar Marques, que, em 1960, morreram soterrados durante a concretagem do lugar.

acolheram muito bem, Xavier, Zélia e Roberto Pinho. Roberto Pinho que me emprestou o dinheiro para ir a Brasília e que nunca recebeu o empréstimo total, né? Fui pagando aos poucos com minha bolsa.

MM: E daí, você entrou e fez e fez a graduação?

OS: Eu não tinha graduação. Eu tinha feito o secundário e fiz vestibular. Quando eu cheguei em Brasília, eu fui procurar Eudoro. Ele me perguntou: “O que é que traz você aqui?” Eu disse que era {por causa de}Homero, quero ler no original. Aí ele me dava um livro para ler, eu lia com muita rapidez, aí ele disse, que eu era ligeiro demais: “Então vai fazer o seguinte. Você me traz uma resenha do livro que você leu para ver se você leu, né?” E assim eu criei uma relação próxima com ele logo nos primeiros dias. Mas me lembro que ele me disse: “Olha, tu tens que fazer o vestibular, tem que ver se passa nisso para entrar nas Letras.” Eu fiz o vestibular, passei e entrei. O mundo dos clássicos era o meu horizonte. Se você me perguntasse, naquela época: “O que você veio fazer aqui?”, eu ia dizer que era estudar com o professor Eudoro. Parece até aquela coisa da Idade Média, em que as pessoas iam atrás do seu mestre, né?! É muito isso, eu fui para o Centro de Estudos Clássicos, e outras pessoas fizeram o mesmo, em busca da minha aventura com o Homero. Era uma obsessão que eu tinha de estudar Homero. E aí, mudando, eu comecei a estudar bastante o grego com Eudoro e com uma professora chamada Maria Luiza Roque, que era quem dava as aulas¹⁷. Eudoro nunca teve muita paciência para dar aula de grego. Engraçado, ele dava aula fora da classe, ele me deu muitas aulas de grego fora da sala. Ele me via estudando, lendo alguma coisa e me perguntava: “O que é que tá lendo?”, e me dava muitas dicas. Mas as aulas de iniciação do grego básico quem dava era a Maria Luiza. Eu aprendi rápido o Homero: como você sabe, a sintaxe é muito simples e você pega a leitura, pega mais muito fácil desde que você domine as formas. Se você tiver muita aplicação, rapidamente você consegue ler Homero. Eu acho até que se devia começar a ensinar grego pelo Homero. É um texto encantador e fascinante, não é? Foi o que aconteceu comigo, eu li rapidamente a *Odisseia*, e no dia que eu terminei essa leitura - já contei isso, até quando tomei posse aqui na academia eu contei essa história, já escrevi também um artigo contando isso¹⁸ - no dia que eu terminei de ler, resolvi comemorar e fui fazer uma farra no boteco que tinha perto da Universidade, um boteco aonde iam todos os peões que estavam construindo o Instituto Central. Cheguei lá e come-

17 Maria Luiza Roque (1924-2006), doutora em Letras Clássicas pela PUC-SP, foi professora no CEC e depois no Instituto de Letras da UnB. Ao fim de sua carreira, envolveu-se na tradução de fontes para o estudo de música grega antiga.

18 Ordep Serra tomou posse na Academia de Letras da Bahia em 2014. Sobre este evento da declamação de Homero, v. o texto “Homero e os candangos”, In *Navegações da Cabeça Cortada. Breve Incursão no Campo dos Estudos Clássicos*. Salvador: Edufba, p.317-320, 2012.

cei a fazer a minha farra bebendo cerveja do jeito que eu aprendi com os peões: eles tinham uma coisa assim meio louca de tomar um gole de cerveja e um gole de cachaça. Eles diziam que era para aparar a cerveja, e eu entrei nessa. Dali a pouco, eu tava completamente bêbado, e não demorei a subir em uma mesa e comecei a recitar. Então estavam os peões todos rodeando a mesa e eu recitando a *Ilíada*. Normal seria os peões rirem e pensarem quem é o maluco, um doído que sobe em uma mesa e começa a recitar uma língua estranha, um bêbado, mas se deu o contrário: os peões ficaram em silêncio reverentes à minha recitação, até onde eu consegui levar, e aplaudiram de pé. No outro dia, eu acordei e tinha uma aula que começava sete horas, acordei de ressaca, lembrando daquilo e pensando que só podia ter sido um sonho, mas quando eu estava a caminho da aula, um peão que estava descendo para trabalhar lá no Instituto Central de Ciências, me disse: “Baianinho danado... que coisa bonita você recitou ontem!”... É um dos mistérios da minha chegada a Brasília.

MM: É Homero no Cerrado.

OS: Essa situação é uma coisa que ficou inesquecível para mim. A minha chegada a Brasília e a outra foi o dia que eu fui detido, na primeira invasão pela polícia e o exército na UnB¹⁹. Foi a primeira invasão que eu assisti, mas depois vi mais umas três ou quatro invasões aí da UnB e essa foi a primeira: foi no momento em que a gente tava fazendo a mudança do Centro de Estudos Clássicos do barracão em que ele ficava anteriormente para o subsolo da antiga Reitoria. Eu vinha com uma pilha de apostilas de grego - essas apostilas eram feitas pelo Jair Gramacho - e naquele tempo ainda tinha só uma máquina datilográfica com caracteres gregos que Eudoro conseguiu, não sei como. Mas era para fazer as apostilas do Jair Gramacho, que era hábil em xilogravuras e fez os caracteres e assim ele conseguiu imprimir a gramática do Kalinka, que era a que a gente usava²⁰.

MM: Eu tenho em casa essas apostilas. O Fernando Bastos me deixou²¹.

19 Houveram várias invasões: a de 9/04/1964; a de 1/10/1965, que provocou o pedido de demissão de 223 dos 305 professores da UnB; e a mais violenta, em 29/08/1968. Ainda temos a de maio de 1976, e a de 6/06/1977, entre outras.

20 Ernest Kalinka (1865-1946) foi um classicista vienense, que produziu diversas obras de filologia e arqueologia. Ordep refere-se aqui à obra de E. Kalinka e Karl Kunst: *Kurzgefaßte griechische Sprachlehre mit Übungsstücken* (Vienas: Österreichischer Bundesverlag, 1925), cujo título pode-se traduzir como *Gramática Concisa da Língua grega com exercícios de estudo*.

21 Após a morte de Fernando Bastos, sua viúva, Zuzu Bastos, me presenteou com caixas que o marido guardara a partir de seu longo envolvimento com Eudoro. Este material constitui o acervo que está sob os cuidados do pesquisador Luís Lóia, na Universidade Católica de Lisboa. A partir desse acervo foi publicado o então inédito *Catábases. Estudos Sobre Viagens aos Infernos na Antiguidade* (São Paulo: Annablume, 2013).

OS: Eu estava ajudando no transporte dessas pilhas de apostilas, quando chegou aquele aparato todo, uma coisa terrível, eles encenaram uma batalha. Tinha gente com metralhadora, fuzil e escolta armada da polícia de Minas Gerais e gente do exército. Nem lembro o General que comandou essa porcaria. Levaram até ambulância, como se fosse ser uma batalha sangrenta. Então eu fui considerado suspeito, pois estava com aquela pilha de coisas e o soldado olhou, pegou um apostila daquelas, olhou e disse “Isso aqui deve ser russo!”. Imagina uma coisa dessas, distribuindo panfletos em Russo lá em Brasília... Mas eu era um garoto de 18 anos e tudo, achei cômico e fui detido rindo e me levaram primeiro para a quadra de basquete, onde levavam os suspeitos todos e depois nos transportaram em ônibus para o Teatro Nacional. E aí eu fui logo liberado, acho que eu não cheguei nem a ir para o Teatro Nacional, pois tinha oficial que era menos burro, me viu rindo e eu lhe disse que fui preso com a apostila de grego - ele olhou surpreso para a apostila de grego e me mandou embora. As gargalhadas são por que a gente não tem nenhum juízo, né? Então, apesar de toda aquela situação, as pessoas também começaram a rir, e foi até bom, porque os outros detidos relaxaram um pouco com aquela comédia inesperada. Então, são duas lembranças fortes que eu tenho que agradecer desse período. E, rapidamente, quando Eudoro percebeu, um ano depois que eu já tinha domínio do grego básico, ele me pôs para dar aulas, e foi por isso que eu fui Professor dos pós-graduandos Fernando {Bastos} e Emanuel {Araújo}. Todos foram meus alunos quando eles chegaram, uns dois anos ou três depois, eles foram meus alunos.

MM: Você chegou em 62?

OS: Não, cheguei em 64.

MM: Tinha dois anos{o CEC} ... e a Maria Luiza Roque, como é que ela foi parar no CEC, ela tava antes de você?

OS: Ela inclusive chegou a casar-se com o Jair Gramacho, e ela tentou colocá-lo na linha, uma tarefa impossível, né? Jair Gramacho era o típico filho de Exu, como a gente fala aqui na Bahia²². Vou te contar um episódio com Jair, dois episódios com Jair, e você vai achar graça. Ele gostava de beber: muito inteligente, mas era muito bebedor. Um belo dia, eu o encontrei na W3, sentado no meio-fio com uma garrafa do lado e uma taça de vinho na mão. Aí eu perguntei: “Jair, o que é que tá fazendo aqui?” Ele respondeu: “Estou bebendo em homenagem ao meu amigo que faz aniversário hoje”. Eu perguntei quem era esse amigo, ele me respondeu: “ É Quintus Horatius Flaccus”... E essa foi boa bebedeira. Vou te contar

22 Orixá/divindade de religiões de matriz africana.

outro episódio com ele e o Roberto Pinho: eles ficavam no mesmo quarto. Roberto já não aguentava mais ele chegar de madrugada e acordava Roberto e dizia: “Vamos para rodoviária, vamos beber, vamos farrear”, e o Roberto depois de quatro cinco vezes acordado não aguentava mais e resolveu um belo dia, quando o Jair chegou com essa insistência, resolveu aceitar e disse: “Certo, vamos para rodoviária.” Foram para a rodoviária e Jair começou a beber. Roberto resolveu guardar os documentos do Jair e comprou uma passagem para Belo Horizonte, botou o Jair no ônibus, Jair já entrou dormindo. Roberto foi-se embora de volta para a UnB. Dizem que os Deuses protegem as poetas, só pode ter sido isso... Quando o dia amanheceu, Jair se viu dentro daquele ônibus e viu que nunca chegava na universidade ele pensou: “Que é isso, tanto tempo para chegar na universidade?!” Ele já estava em Sete Lagoas. Resultado: ele não tinha nem um documento, nem dinheiro no bolso, não tinha nada. A vingança do Roberto foi cruel. E aí ele saltou na rodoviária de Belo Horizonte sem saber o que fazer, mas encontrou um amigo que tava lá na rodoviária que o levou para casa e o reembarcou para Brasília. Para você saber das aventuras do Jair Gramacho. Depois ele se tornou professor, um cidadão mais comportado por que ele se casou com essa professora, {a Maria Luiza Roque}, era muito católica, muito religiosa e botou ele na linha por algum tempo, até quando Exu permitiu.

MM: Ela veio de São Paulo, né?

OS: Sim, São Paulo.

MM: Ela tem uma formação, teve um projeto grande de traduzir os documentos de música grega. Ela traduziu os *Problemas* {XIX} de Aristóteles e ela conseguiu publicar²³.

OS: Era tradutora, e foi minha primeira professora de grego, e casou-se com Jair Gramacho. A lembrança que tenho dela é que era uma pessoa muito suave, tranquila ... Parece que os opostos se atraem, né? Ele já é de alta reputação aqui na Bahia, tinha alguns livros, tinham tido prêmios e tudo e foi também Agostinho quem o levou para lá. Depois ele teve um desentendimento com Eudoro, que eu não sei o que é que foi: ele tinha feito uma tradução do Canto sexto de Eneida, mas Eudoro não gostou, porque ele queria uma tradução em prosa, para fins didáticos, e até me encarregou de fazer, eu fiz essa tradução, que foi a que ele usou até no famoso curso sobre as *Catábases*. Mas Jair era um poeta de primeira, um homem muito interessante e inteligente. Contam que Agostinho o encontrou na feira de Água de Meninos vendendo alguma coisa, que ele era feirante, mas era um camarada culto, estudioso, e o Agostinho

23 *Problemas Musicais. Aristóteles* (Brasília: Thesaurus, 2001).

o levou para Brasília. Ele fez o curso por lá, embora não tivesse o curso secundário completo.

MM: E você falou do “barracão”. O barracão era onde ficava o CEC. Explica para nós como é que era o barracão e onde ficava.

OS: Era um barracão de madeira bem simples, que ficava perto da entrada da UnB. Um pouco adiante ficava de onde estava o outro barracão, que era o do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses.

MM: Ficava perto do Dois Candangos, embaixo de onde era a Educação, o Cine Dois Candangos?

OS: É um pouco, digamos um pouco à esquerda para quem tá entrando no Dois Candangos, atrás um pouco mais recuado. Era perto do antigo Centro Brasileiro de Estudos Portugueses. Era um barraco de madeira onde colocaram estantes, móveis e muita coisa funcionava lá. Depois a gente passou para o subsolo da antiga Reitoria onde o CEC funcionou durante muitos anos.

MM: Vocês mudaram para lá em 64?

OS: Isso, 64. Ficamos dois anos lá.

MM: E a biblioteca estava sendo construída? A biblioteca, os arquivos foram chegando, os livros no tempo em que você tava lá? A famosa biblioteca?

OS: Foi a grande criação de Eudoro, porque ele tinha os livros dele separados, depois ele levou todos os seus livros para lá, e outros ele fez adquirir, orientou aquisição dos livros e revistas, e assim se compôs a biblioteca do CEC.

MM: Muita coisa vinha de navio?

OS: Muita coisa vinha da Europa, coisa encomendada, obras compradas e tudo isso foi importantíssimo. Uma pena que isso tudo depois foi muito maltratado. Aí o Bruno Borges é quem pode contar a história que ele viu, livros importantíssimos do antigo acervo lançados ao lixo, mais tarde quando se extinguiu o Centro de Estudos Clássicos, ainda durante o reitorado de um interventor que era capitão da marinha, capitão-de-mar-e-guerra, uma coisa dessas da Marinha, que era ligado ao Cenimar, que era o SNI da Marinha, que extinguiu o Centro dos Clássicos²⁴.

24 Ordep refere-se à dissertação de mestrado *Eudoro de Sousa e sua biblioteca: dispersão e fragmentos de um pensamento* (Universidade de Brasília, 2015). Link: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/18611>. Cenimar é o Centro de Informações da Marinha.

Nesse tempo, os estudantes eram perseguidos, todo mundo que tava contra a porcaria da ditadura. O interventor era... esqueci o nome dele também, não é o nome que merece ser lembrado²⁵.

MM: É bom ir para o ralo da história.... E nesse período, então você chega em 64 é aí que você tem aula, primeiro no barracão, né?

OS: É, no começo é, mas isso muda muito rápido, depois a gente foi lá para o subsolo: era um espaço bastante amplo, pudemos colocar todo o acervo. Tinha lugar para os instrutores e para os monitores. Eu me tornei monitor .

MM: Você fazia graduação ainda?

OS: Sim, fazia graduação.

MM: Os instrutores era o pessoal do mestrado?

OS: Sim, era o pessoal do mestrado, era Emanuel...Ah, não, Emanuel ainda não tinha chegado. Era Xavier, era Maria Luiza Roque, que também fez mestrado, e o Jair Gramacho e o João Evangelista, que já era mestre, era excelente professor de História da Arte também, e ele veio da Universidade de Santa Catarina.

MM: Ah, ele veio com Eudoro de Santa Catarina?

OS: Sim, veio da Federal de Santa Catarina também uma moça chamada Dinah, eu não consigo me lembrar do sobrenome, era muito ligada a Eudoro²⁶. O Centro tinha uma bibliotecária, a Dinah e o João Evangelista. Não me lembro o nome dela, e João Evangelista, talvez você consiga ainda na Universidade Federal de Santa Catarina alguma notícia do professor João Evangelista ele deve estar muito velho a essa altura, né²⁷?

MM: Ele é da década de 30. E o que o João Evangelista ministrava?

OS: Ele era especialista em História da Arte. Ele ajudava Eudoro nessa questão. Eudoro fez uma coleção com capas de livros que tinham retratos dos vasos gregos, ele fez e eu vi muito vaso grego nessas ilustrações basicamente tiradas de capa de livro e fotos antigas.

25 Esse será o tema da última entrevista deste ciclo de três encontros com Ordep Serra.

26 Dinah Fernandes Brognoli, que fora bacharel da primeira turma de filosofia da Faculdade Catarinense de Filosofia, em 1957.

27 Desenhista, pintor e crítico de arte, o professor João Evangelista de Andrade Filho nascido em 1931 faleceu em 11/04/2021, após viver anos em Brasília, tendo retornado à Santa Catarina.

MM: Ah, ele fazia os desenhos?

OS: Ele{Eudoro} usava nas aulas também do Instituto Central de Artes, porque o CEC segundo ele imaginou era um órgão autônomo e atenderia a toda a Universidade, entende? Eudoro deu aulas no Instituto de Matemática, de matemática grega. Ele deu aulas para o pessoal de biblioteconomia, falando sobre história do livro. Eu dei um curso lá, que foi a maior turma de grego que eu tive na UnB: foi para os estudantes do Instituto de Ciências da Saúde - médicos, meus alunos, era o pessoal da medicina. Eu tinha amigos entre eles e dizia: “Olha, vocês usam vocabulário grego o tempo inteiro sem saber disso”. E aí eles se interessaram, queriam saber a base do vocabulário médico que, como você já sabe, é muito grego. O oxiúro, por exemplo, “errado, fino”²⁸... Eu brincava com eles assim. Aí foi se formando uma grande turma de alunos de grego que queriam entender vocabulário Médico, né? A base grega do vocabulário médico foi um curso bem sucedido. O curso de grego tinha meia dúzia de alunos geralmente, mas esse aí tinha mais de vinte, trinta ou quarenta... sei lá, era grande. O CEC na concepção de Eudoro era para atender toda a Universidade, todo pessoal de Ciências Humanas, de Letras e outras áreas. Inclusive, isso criou atrito, porque tinha muita gente que não compreendia isso. Ele sempre lutou contra isso, ele lutou o tempo inteiro contra a Biblioteca Central, que queria incorporar os livros do CEC, entendeu? A luta de Eudoro foi muito pela autonomia do CEC. Agostinho também participou da mesma luta pela autonomia do CEC, essa concepção de um Centro de Estudos Clássicos que deveria servir às diferentes unidades.

MM: O que o que eu fico assim, assombrado, é que é importante a gente resgatar essa história, esse projeto que foi interrompido. Um projeto que ele, no momento dele, de formulação, o momento que você pegou, e ele tinha que lutar com essas forças da própria Universidade que eram contrárias a uma vocação multidisciplinar.

OS: É verdade.

MM: E que hoje é uma moda, mas nessa moda nós temos hoje um grande problema, pois, enquanto existe um discurso que defende a multidisciplinaridade, na prática quem manda são os departamentos, que são unidades, são feudos.

OS: Eudoro sempre foi contra essa visão, {lembra} a brincadeira que ele fazia, que eu te contei - os gregos eram gente, tinham um corpo inteiro, enfim. Ele deu aulas para o pessoal de Arte, para fazer um curso de teatro lá, graças a Emanuel.

28 Nome de um verme alongado (nemátode), *Enterobius vermicularis*, de 15 mm, que parasita o intestino dos mamíferos. O nome oxiúro é uma composição de ὄξυς (oxús, “fino”) + οὐρά (ourá, “cauda”).

Ele deu aulas, leu *Rei Édipo*, *Antígona* para o pessoal da turma de teatro²⁹. E essa visão do CEC era para servir à Universidade onde fosse necessário, e ele queria gente no CEC com várias orientações, gente de diferentes áreas e que quisessem fazer um *link* com a cultura clássica. Ele também tinha um entendimento muito vasto sobre a Grécia e Roma. Não se pode pensar Grécia ou Roma desligadas de todas as civilizações mediterrâneas, entendeu? Ele deu aula de arqueologia, ele tinha essa leitura ampla. Como você sabe, Eudoro era um homem de uma formação muito rica, e o *hobby* dele era Astrofísica. Nas horas vagas ele lia o professor Salmeron, o físico³⁰. Ele lia o tempo todo, um dos ídolos dele, dos grandes que ele sempre estava lendo, era Heisenberg³¹. Ele se interessou, quando esteve em Paris, ele mesmo me contou que assistiu no Collège de France muitas aulas sobre matemática superior³². Ele tinha uma cabeça sem compartimentos. Ele fez um relógio de sol lá dentro da UnB. Depois eu te conto essa história do observatório astronômico que ele tentou fazer lá, é uma comédia.

MM: Aí amanhã a gente coloca isso...³³.

OS: Essa visão do Eudoro, de um centro multidisciplinar - ele queria gente de diferentes áreas lá dentro, gente de arte, gente de ciência. Ele levava o pessoal de matemática para lá para conversar com ele. Ele atraía gente de todo canto. A visão dele do CEC é que deveria ser um núcleo que pudesse atender a diferentes unidades e que deveria crescer assim. Essa ideia não vingou porque a gente entrou naquele regime de uma ditadura estúpida, como essa que está agora acontecendo disfarçadamente, e que tolheu a Universidade. Aliás, Darcy Ribeiro concordava com ele, achava que que tinha que ser assim. Darcy Ribeiro tinha uma cabeça também sem compartimentos, outro tipo de mente, aberta, gostava de avanço, ele e Anísio Teixeira³⁴. Mas depois veio um bando de bárbaros que não entendia essa proposta.

29 Entre maio e junho de 1967, deu-se na Universidade de Brasília o “Curso de Informação Teatral”. Aproximadamente 300 alunos participaram desse curso composto por 14 aulas ministradas por nomes como Sábato Magaldi, Ariano Suassuna e Gianni Ratto. A aula inaugural foi de Eudoro: “O Teatro nas Origens da Civilização Teatral.” V. *Correio Braziliense*, em 19-05-1967.

30 Roberto Salmeron (1922-2020), professor e físico de renome internacional, tendo trabalhado no CERN (Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear) e na Escola Politécnica da França. Publicou em 1999 a obra *Universidade Interrompida* (Editora UnB), que apresenta o contexto da criação da UnB e da interrupção de seu projeto em virtude das perseguições impostas pela ditadura militar. Para as publicações acadêmicas do professor Salmeron, v. <https://inspirehep.net/authors/1057229>.

31 Werner Heisenberg (1901-1976), físico teórico alemão mais conhecido pela mecânica quântica.

32 Sobre dados da vida de Eudoro, v. Lóia (2018).

33 Tema da próxima entrevista.

34 Anísio Teixeira (1900-1971) educador e político, um dos idealizadores da Universidade de Brasília e um de seus reitores, em 1963.

MM: Agora sim, agora bem interessante, porque você começa com um contato não formal com Eudoro, porque você não tá dentro da Universidade né. Aí depois você passa desse contato não formal, quando você está estudando e ele falando “Entra para faz o vestibular”. Aí você entra para o vestibular e você vai ter uma jornada dupla, porque você vai ter o seu curso de Letras e também você vai estar ligado ao CEC, você começa a ser monitor no próprio CEC.

OS: Sim, consegui a bolsa.

MM: O que era importante para sobrevivência.

OS: Sim, é, fiquei sobrevivendo com a bolsa. Morava em um barracão de madeira que ia ser o princípio da obra do futuro Centro Brasileiro de Estudos Portugueses. Era dentro da área da Universidade, mas no meio do Cerrado. Agostinho da Silva foi morar nesse barracão de obras, não foi para a Colina como todo mundo, como uma maneira de pressionar para que se fizesse logo a edificação³⁵. A obra era espaçosa, eu consegui ir para lá para o quartinho do Barracão. E ali eu vivia, era meu alojamento. Então eu ficava lá, e botei o nome de “trapa”, porque Agostinho vivia exigindo silêncio tem que ser silêncio absoluto naquele lugar. Eu dizia era “trapa”, né. Depois foram outros colegas para lá para a “trapa”, porque tinha essa regra do silêncio e nem sempre a gente cumpria. De vez em quando a gente fazia umas boas festas lá, fazendo fogueira no meio do Cerrado e cantava.

MM: Era tudo por se descobrir, tudo era novidade, a cidade nova, a Universidade recém-inaugurada ...

OS: E a cidade começando também. Era muito bonita a UnB nesse tempo. No restaurante da UnB a gente podia se sentar, os estudantes como eu, podia se sentar em uma mesa junto com Salmeron, enfim...

MM: Isso eu acho muito importante!

OS: Sim, com um Eudoro, com esses luminares todos.

MM: Essa convivência.

OS: A UnB foi feita com o propósito de ser uma vanguarda da cultura brasileira³⁶. Então Darcy foi buscando gente de diferentes universidades, pessoal de proa

35 Prédios residenciais dos professores.

36 Sobre os esforços de Darcy Ribeiro na fundação da UnB, v. Ribeiro (1995).

mesmo e pessoas que topavam viver naquelas duras condições no começo. Então os professores iam ao restaurante universitário, e era muito interessante: a gente compartilhava, conversava e as pessoas das diferentes unidades estavam o tempo inteiro em conversação. Foi um momento bonito. O assassinato da UnB foi uma das coisas mais perversas que a burocracia militar fez no Brasil, porque ela era um projeto belíssimo, muito avançado, muito aberto, não é?

MM: Dialógico.

OS: Tinha um deve ser que não foi, como dizia Agostinho.

MM: Uma utopia, né? Mas que foi concretizada durante o momento que estava sendo feita.

OS: É verdade. A gente tinha concertos numa casa tão pequena do Marlos³⁷. O teatro era tão pequeno que a gente se sentava ao redor do teatro, era meio aberto né.

MM: Tinha concertos?

OS: Ótimos concertos.

MM: Essa eu não sabia.

OS: Um grande Maestro que foi para lá, eu esqueço o nome e que também foi banido depois.

MM: O Santoro? Cláudio Santoro?

OS: É. Tinha outros músicos que ele levou, e às vezes dava concertos, e eu esqueci o nome também da edificação que tinha, que não pode ser um teatrinho pequeno que cabe pouca gente.

MM: Onde ficava?

37 Referência ao compositor Marlos Nobre (1939-). Com a vinda de Claudio Santoro para Brasília, organizou-se o Departamento de Música da UnB. V. a matéria “A música dos 57 anos da Universidade de Brasília, de Vanessa Vieira, disponível em “<https://noticias.unb.br/76-institucional/2872-a-musica-dos-57-anos-da-universidade-de-brasilia>”, e a matéria “UnB promove revolução no ensino musical”, de Reynaldo D. Ferreira, no Correio Braziliense de 12-09-1965. Link: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_01&Pesq=marlos%20teatro&pagfis=20142

OS: Ficavam onde hoje tem uma pequena livraria, onde você me levou na última vez que estive lá.

MM: Ah sim, ali no espaço de convivência, ao lado do Banco do Brasil.

OS: A gente ouvia, tinha espetáculo bonito no Dois Candangos, também Eudoro dava conferência no Dois Candangos, e Brasília inteira ia para ver. Ele virou uma espécie de astro de Brasília, não?!

MM: Isso é importante.

OS: {Era}a Extensão, e vinha gente de Brasília inteira assistir Eudoro falar, porque ele era brilhante como expositor. As salas de aula de Eudoro viviam cheias de gente da Universidade, e o curso de extensão trazia Brasília em peso, pode se dizer.

MM: Isso eu vejo pelo arquivos no Correio Braziliense, nos quais eu fiz uma pesquisa grande, consegui vários materiais. E a UnB, como a cidade era pequena, então a UnB era parte da vida cultural da cidade, da vida pessoal e intelectual, ela estava inserida e essa vocação extensionista é muito evidente, e o Eudoro e o CEC estavam muito presentes com diversos cursos.

OS: O tempo inteiro. Ele era genial como professor e como expositor. As aulas dele eram brilhantes. Fosse qual fosse o assunto do qual falava, ele tinha um poder de comunicação invejável e extraordinário

MM: Erudição dele, né? E ao mesmo tempo com uma clareza.

OS: Sem limite. A brincadeira era que qualquer coisa que eu tivesse lendo, Eudoro dizia onde estava, como era, ele estava escrevendo sobre esse negócio, o volume tava lá. Tenho a impressão que ele lia toda aquela porcaria. É muita coisa, era uma cultura avassaladora, era impressionante, e múltipla. Multifacetada, porque ele ia da filosofia até arqueologia. Ele também era um homem de uma cultura filosófica extraordinária e ele tinha uma exigência com a gente do Centro: dizia que sem conhecimento de filosofia você nunca será classicista. Então ele fazia a gente ler Heidegger, Hegel, Bergson. No CEC a gente tinha seminários que podiam tratar desde Schelling até Fernando Pessoa. Não eram só os clássicos, entende: me lembro bem de uma comemoração do centenário de Dante³⁸. Ele fez a leitura, ele levou Ivo Perugini, que era um italiano, professor que esteve lá também durante algum tempo ligado ao Centro de Estudos

38 Trata-se do VII centenário de nascimento de Dante Alighieri (1265-1321).

Clássicos, que fez uma leitura do canto da *Divina Comédia*, o que eu acho que é uma história da Francesca, fiquei com isso na memória³⁹. Bom, então era um lugar assim que era muito frequentado por pessoas, estudantes e professores o tempo todo.

MM: E tinha horário as atividades?

OS: {O CEC} ficava aberto o tempo inteiro praticamente: me lembro de frequentar o tempo todo, de dia e de noite, porque Eudoro me deu permissão. Então eu tinha uma chave, e me lembro de ficar estudando à noite toda. De noite, aliás, eu ficava lá trancado, era obcecado naquela coisa de aprender o máximo de conhecimento que pudesse com Eudoro. Então tinha as aulas que eram dadas para o Instituto de Letras, para o Instituto de Ciências Humanas ou para outros Institutos, aconteciam pela manhã ou pela tarde, mas o Centro ficava aberto o dia inteiro. A Biblioteca Central não tinha horário de fechar. Sabe, eu já cansei de passar horas da noite na Biblioteca Central, praticamente não fechava, era muito dinâmica. Acho que era esse espírito de construção, aquela ideia de fazer uma coisa nova que tinha na cabeça de Eudoro, Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, e que impregnou muito a mentalidade da gente.

MM: É, eu acho que esse espírito de construção, da cidade a construir, a Universidade a construir, o conhecimento a construir... Eu acho que isso foi um movimento heroico, épico, né? Imagine aqui no Planalto Central... atraiu você, que veio da Bahia para cá, várias pessoas vieram, saíram dos seus lugares.

OS: Era uma empolgação. E todo mundo muito empolgado, não? Foi uma empolgação que durou um bocado mesmo sob o regime da ditadura idiota, das botas militares pisando a universidade. Mas continuou por muito tempo. Eu sinto que a empolgação dentro da UnB foi uma experiência muito bonita. Eu tenho saudade. Eu gosto, apesar de todas as dificuldades, e foi um tempo muito bonito, muito alegre da minha vida. Eu cheguei lá, como já te falei, sem dinheiro no bolso, nem para comer, e eu tenho saudade. Foi um tempo de grande alegria e grande entusiasmo juvenil. Lá encontrei pessoas maravilhosas, pessoas brilhantes de todas as áreas, tive o privilégio de conviver com essas pessoas, não é?

MM: E além desse grupo baiano, que outras pessoas frequentavam lá que você se lembra dessa época?

39 Ivo Perugino foi professor de italiano no Instituto de Letras. O trecho lido foi o do canto 5 do *Inferno*, no qual se reconta a história dos amantes Francesca de Rímíni (1255-1285) e seu amante Paolo Malatesta (1246-1245), assassinados por Giovanni Malatesta (1245-1304), esposo de Francesca e irmão mais velho de Paolo. V. Serra (2015).

OS: Além do grupo baiano, deixa ver, o pessoal que frequentava muito eram os estudantes de arte do Instituto Central de Artes, de Ciências Humanas⁴⁰. Também, então, ia gente de todo lado. Por exemplo, o arquiteto Alcides da Rocha Miranda, era um professor ilustre, ilustríssimo, da Universidade e vinha de vez em quando lá no Centro⁴¹. Vinha gente de todas as áreas mesmo, mais alunos e professores do Instituto Central de Letras e Ciências Humanas, mas enfim gente de tudo quanto é canto. Os matemáticos iam lá para conversar com Eudoro. Lembro que era um período assim de muita riqueza e muita vitalidade do centro. E aí Eudoro era o tipo da pessoa cativante, até o seu temperamento explosivo era empolgante.

MM: Como era ele em sala?

OS: Olha, ele era brilhante, e todo mundo ficava impressionado com as aulas de Eudoro, as salas eram cheias até em cima, todo mundo gostava de ver. E ele era muito dramático, era uma pessoa assim. Deixa te contar um episódio que dá dimensão disso: ele começou uma aula, do curso do Centro, aula sobre arqueologia da região do Mediterrâneo oriental. Não sei porque ele trouxe a coisa para o campo da filosofia e falou na problemática da vontade... não sei, alguma coisa sobre filosofia grega em que já acabou se enveredando para o tema da vontade... Logo no começo da aula ele fez uma consideração sobre esse tema na filosofia: “Aqui admiro os homens de vontade, mas eu não!”, deu um murro na mesa e saiu.

MM: Um lance de teatro{*coup de Théâtre*}, uma saída.

OS: Em silêncio ... sem entender, os alunos esperando, e ele não voltou. Então, no outro dia, meia hora antes dele chegar para dar aula, a sala já estava toda cheia, todo mundo curioso querendo ver o que era que aquilo. É curioso não saber alguma coisa da filosofia da vontade. Deste modo dramático essas abordagens dele eram sensacionais. Ele começa uma aula dizendo: “Vou dizer uma barbaridade: não existe mitologia grega”, ele lançava um novo impacto.

Todo mundo assim, boquiaberto, né?! Como é que não existe mitologia grega? A figura empolgante sabia provocar a atenção das pessoas e as aulas eram

40 No Plano Diretor da Universidade de Brasília, de 1962, a Universidade se organiza em 8 institutos centrais (Matemática, Física, Química, Biologia, Geo-Ciências, Ciências Humanas, Letras e Artes), os quais se desdobram em diversos outros departamentos. Ainda temos faculdades de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia, Educação, Direito-Economia-Administração – Diplomacia, Ciências Agrárias e Ciências Médicas. A estas divisões e unidades, integram-se diversos centros, como Centro de Pesquisas em Matemática Aplicada, Centro de Pesquisas Sociais, Casas Nacionais da Língua e da Cultura. V. UnB, 1962.

41 Alcides Rocha Miranda (1909-2001) foi arquiteto, pesquisador, desenhista e gestor cultural, co-fundador da UnB e primeiro diretor da Escola de Arquitetura e Belas Artes.

criativas (muito criativas). Como ele me disse uma vez, que ele dava aulas para si mesmo, “as palavras são para mim mesmo, são as minhas ocasiões de pensar, estou falando, estou pensando, estou criando naquela hora”. Então, tipo dar aula lá, você tem novidade, gera uma expectativa muito grande, naquele momento ele estava elaborando o seu pensamento.

MM: Ele escrevia as aulas?

OS: Não, ele não escrevia, só depois escrevia seus textos.

MM: Ele tinha anotações?

OS: Às vezes preparava rapidamente uma nota, que só servia para aquele momento de preparação, e não levava pra para sala, um lembrete pra ele mesmo. Depois que dava aula, algumas vezes, ele recompunha, reconstituía o tema da aula e escrevia o que ele tinha refletido durante a aula, um processo.

MM: Era uma improvisação com fundamento.

OS: Com fundamento sim... Ele sempre fez isso, inclusive no trabalho um pouco mais famoso, o curso sobre as catábases. A mesma coisa, pois fazia uma espécie de uma sinopse rápida, pensava, guardava aquilo e dava aula. E depois ele se aprofundava um pouco. Mas, neste curso específico, ele usou também o trabalho de muita gente né, as traduções de Xavier, as que eu fiz de textos importantes sobre catábase...

MM: Então nesse início aí de 64 você tinha aulas com Eudoro, tinha aulas com Xavier, tinha aula Maria Luiza...

OS: Um curso que foi dado por Maria Luiza e Jair que eu assisti foi sobre os helenísticos, literatura helenística, Calímaco. Assisti também durante o curso que Eudoro estava dando, um curso sobre Filologia Clássica. Ele começava o curso e deixava o Xavier, por exemplo, concluir. E, mais tarde, quando chegaram Emanuel e Fernando, também, usou aqueles dois. Como lhe disse, Emanuel e Fernando estudaram grego comigo quando eu ainda era graduando. Nessa altura, eu já tinha entrado para fazer a minha pós-graduação e foi interrompida, porque eu sofri a chamada expulsão branca da UnB: eu já tinha passado para a pós-graduação, tinha bolsa para fazer o meu mestrado, já tinha o tema, já tinha começado a trabalhar o meu tema sobre os Mistérios de Elêusis que seria a minha dissertação de Mestrado, mas fui interrompido porque o interventor da Universidade resolveu tirar uma série de estudantes que ele considerava subversivos.

MM: Em 68, foi?

OS: Isso, 68, mesmo antes da extinção do centro, o Suetônio e eu, ele{inter-ventor} cortou as bolsas e as matrículas⁴².

MM: Então fez você desaparecer?!!

OS: Desaparecemos. E fez isso também com outros estudantes, outros instrutores. A gente era instrutor.

MM: Suetônio era também instrutor?

OS: Sim, ele tava com projeto, algo com latim, mas também teve bolsa cortada e não conseguiu fazer mais nada. Eu tinha que sair da UnB e acabei voltando para Salvador. Fiquei aqui{na Bahia} trabalhando em cursinho até conseguir voltar para Brasília. Mas quando eu voltei para já fui fazer em antropologia: não tinha mais o Centro de Estudos Clássicos.

MM: Você voltou quando?

OS: Lá pelos anos 70, 74 por aí. Eu volto para Brasília, mas já volto para fazer Antropologia. Tinha feito umas pesquisas aqui sobre Candomblé, sobre as religiões de matriz africana. Fiz a primeira pesquisa sobre a Umbanda em Brasília e depois fiz minha dissertação de Mestrado, que acabou sendo sobre uma liturgia dos Erês no candomblé⁴³. Mas ao mesmo tempo eu passei uma temporada no Xingu: meu irmão naquela época era diretor do Parque Nacional do Xingu - Olympio Serra -, que também frequentava muito o CEC⁴⁴.

MM: Ah, Olympio veio para cá também?

OS: Veio . E é Olympio com y: ele ver você escrevendo com i, ele te mata!

MM: O Olympio Serra veio um pouquinho depois de você?

42 Suetônio Soares Valença (1944-2006), que, depois do CEC, dirigiu sua carreira para a pesquisa musical, tendo escrito os livros *Tra-la-lá - Vida e Obra de Lamartine Babo* (1981), *Serra, Serrinha, Serrano: O Império do Samba* (1981), em parceria com Rachel Valença; e *Um Escurinho Direitinho - Vida e Obra do Sambista Geraldo Pereira* (1995), com Luís Pimentel e Luís Fernando Vieira. V. <https://dicionariompb.com.br/suetonio-valenca> . Foi diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

43 *Na Trilha das Crianças: Os Erês num Terreiro Angola*. Dissertação de Mestrado. UnB, 1978. Trecho da dissertação disponível em http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1979/anuario79_ordep Serra.pdf .

44 Olympio José Trindade Serra. Os pais de Ordep, Pedro Esmeraldo Serra e Esther Trindade Serra geraram Celeste, Célia, Olympio, Ordep, Bárbara e Ana Elvira.

OS: Ele veio depois de mim.

MM: Você foi o precursor. Ele frequentou o CEC?

OS: Muito, frequentava muito o CEC, o tempo todo. Ele adorava o Eudoro e gostava muito de ver e assistir a todas as aulas dele. Ele e Hermano Penna também, o cineasta⁴⁵. Hermano fez muita coisa e casou com uma filha de Miranda. Hermano Penna era outro grande frequentador, o Rafael Bastos, irmão de Fernando e Hermenegildo, que se interessou-se pelo latim, pela latinidade⁴⁶. Rafael era músico, formou-se musicólogo, etnomusicólogo, e trabalhou com Pedro Agostinho, que era filho de Agostinho da Silva, que frequentou também muito o Centro. Ele conheceu o Eudoro em Santa Catarina.

MM: Quantos nomes e quantas pessoas !!!

OS: Essa turma dos baianos era muito grande lá. Se você agregar Hermano, Olympio, Rafael Bastos. E depois chega Emanuel. Emanuel também foi muito ligado a Agostinho.

MM: O Emanuel, ele já publicava lá na Bahia antes de vir para cá. Ele era muito ligado ao teatro, fazia crítica teatral.

OS: Ele participou da grande escola de teatro fundada aqui por Martim Gonçalves que marcou época no Brasil todo⁴⁷. A escola era frequentada por Glauber Rocha, por essa turma toda, Otton Bastos⁴⁸. {Emanuel} era marxista, um homem muito culto, egiptólogo, primeiro e único, eu acho que a gente não teve mais nenhum outro. Um homem também de cabeça muito aberta, e lidava com várias coisas ao mesmo tempo, teatrólogo e egiptólogo. Se deu muito bem nos Estudos Clássicos, participava da mesma ideia. E ficamos todos muito revoltados quando se deu a extinção do Centro de Estudos Clássicos porque foi um retrocesso: não era para ser um departamento aquilo, era pra ser outra coisa.

MM: Essa extinção pode estar ligada, acho, que a dois movimentos: o primeiro é o da questão militar e a repressão; mas também, o de um certo movimento interno da própria UnB.

45 V. <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa103757/hermano-penna>

46 Rafael José de Menezes Bastos é musicólogo, professor na Universidade Federal de Santa Catarina.

47 Eros Martim Gonçalves (1919-1973), coreógrafo e diretor teatral. Primeiro diretor da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, fundada em 1956, pelo reitor Edgar Santos. Martim Gonçalves dá nome ao teatro da escola de teatro.

48 Respectivamente, Glauber Rocha (1939-1981) e Otton Bastos(1933-), premiados cineasta e ator brasileiros.

OS: O departamentalismo, que prevaleceu no final. Inclusive em contradição com o espírito dos criadores da UnB. Tinha um Instituto de Teologia. A ideia era fazer teologia ecumênica. Foi uma ideia que Agostinho passou para Darcy Ribeiro. Agostinho queria levar Olga de Alaketu que é maior orixá, famosa na Bahia, para o Instituto de Teologia, que era para ser dirigido pelo Frei Mateus que foi inclusive reitor da UnB⁴⁹. Era um anglicano muito inteligente, muito interessante, muito aberto. Eu o conheci também. Era para ter um Instituto Teológico que também dialogasse com todas as unidades. A ideia era levar alguém famoso, algum grande budista, alguém para dialogar, não era só a teologia católica que se pensava lá, a teologia cristã, pelo menos na cabeça de Agostinho era para ser assim. Então era mais uma unidade que seria idealmente para dialogar com outras áreas da Universidade. Essa ideia de teologia era muito avançada até para aquela época.

MM: Agora pensando uma coisa que você falou em relação ao Centro, a questão que o Eudoro propunha era que não fosse simplesmente um Centro de Línguas, e sim um centro de cultura, e, ao mesmo tempo, um lugar onde você trabalha com línguas clássicas, que era um requisito para você se habilitar a ler esses textos. Ou seja, o foco não é a língua, mas você precisa da língua. Não é negar a língua, mas você precisa do conhecimento filológico, e o que ele procurava era trabalhar os dois juntos. Por exemplo, isso em 62, o maior filósofo vivo era Heidegger. Ou seja, é uma coisa bem interessante, porque você vê uma conjunção do mais antigo com o mais moderno. Você vê assim a contemporaneidade na filosofia e o existencialismo, os heideggerianos e também toda a tradição filosófica, essa conjunção entre o mais antigo e o mais contemporâneo.

OS: Xavier Carneiro, por exemplo, ele era um especialista em *Kierkegaard*⁵⁰. Ele conhecia muito Jaspers e fez um trabalho sobre Diógenes de Apolônio⁵¹. Aprendeu o

49 Mãe Olga do Alaqueto/Alaketu (1925-2005), ialorixá de Candomblé do Terreiro do Alaqueto em Matatu de Brotas, Salvador-Bahia. Frei Mateus Rocha (1923-1985) fundou o Instituto de Teologia da Universidade de Brasília, em resposta a convite de Darcy Ribeiro. Segundo site institucional da UnB, “foi vice-reitor da UnB, durante a gestão de Anísio Teixeira, entre junho de 1963 e abril de 1964. Instaurada a ditadura, em 9 de abril 1964, foi afastado da Universidade de Brasília.” Link: https://web.archive.org/web/20130127222013/http://unb.br/administracao/reitoria/exreitores/mateus_rocha

50 Xavier Carneiro traduziu e publicou em 1969 *O tratado do Desespero*.

51 Karl Jaspers (1883-1969), filósofo e psiquiatra alemão. Eudoro de Souza travou por cartas diálogo com Jaspers, dando continuidade a um diálogo que começou quando Eudoro morou na Alemanha em 1940. Essa correspondência entre os dois pensadores perdeu-se. Ou precisa ser achada... Segundo Luis Lóia “O que os documentos e relatos, também em primeira pessoa, permitem constatar é que terá frequentado algumas aulas e seminários de Brecht, Fehrle, Hommel, Pfeiffer, Gundert, Schachermeyer; que terá desempenhado as suas funções de Leitor, entre outros, com Walter Mönch, na altura Diretor da Escola de Intérpretes da Universidade de Heidelberg, e que terá estabelecido uma relação próxima com Karl Jaspers, com quem veio a manter uma troca sugestiva de correspondência, segundo o seu discípulo Ordep Serra, de que, infelizmente, não temos registo(LOIA,2018, p. 60).”

grego lá - ele fez um mergulho nos pré-socráticos. A ideia é essa, era o Centro tinha uma visão muito ampla, e o plano do Centro era muito bom e interessante.

MM: Eu acho, pensando ele foi interrompido e agora outra coisa que você falou também, que vem agora eu ouvindo você falando, acho que é um aprendizado nosso: a amplitude de temas também está muito ligada a uma formação, que é construída. Então por exemplo, você chega, no primeiro momento, você tem alguma coisa e todo mundo que chega aí tinha alguma coisa. Para você, o objetivo era o Homero; já o Xavier Carneiro, o existencialismo. Mas não tinha uma outra coisa que ele vai adquirir com o CEC. Eu acho que o Centro também tem como uma das funções, uma questão de sucesso do Centro, era capacitar as pessoas para os projetos. Ou seja, você quer estudar um determinado assunto, não é só o assunto em si, você tem que se capacitar, e essa capacitação é possível, como você falou que começou com Homero, porque às vezes tem essa questão de as pessoas confundirem a dificuldade com impossibilidade dessa formação. Essas coisas se tornam possíveis, se tornam factíveis, então a erudição é construída. Ninguém nasce pronto, Eudoro não nasceu Eudoro, Ordep não nasceu Ordep. Então eu acho bem interessante nesse aspecto: é a Paidéia, a formação.

OS: Isso era muito importante pra gente. Eudoro provocou meu interesse pelo processo de civilizações mesopotâmicas, que era outra coisa que o fascinava. Foi por causa dele que eu me interessei por Gilgamesh⁵². Mais tarde eu, encontrei o Prof. Jean Bottéro na França e assisti a aulas dele me lembrando muito de Eudoro, que foi quem me fez pensar nessa grande literatura mesopotâmica. Por causa daquela visão da Grécia, a Helenidade, Roma e tudo mais não podem ser pensadas sem essa conexão.

MM: Como se fossem milagres.. Pelo que você fala, eu acho que é uma coisa interessante. É que essas aulas elas são assim: apresentam alguns elementos e instigam as pessoas a continuar, ir atrás - vão buscar, é isso, aquilo; vão buscar, nada está fechado.

OS: Era uma coisa de provocação: ele dava as dicas e a gente explorava. As aulas eram criativas. Eudoro dava dicas e ele era muito entusiasmado com as coisas, com a aprendizagem da gente. Eu tava lendo alguma peça antiga e me

52 Uma das mais antigas narrativas épicas, registrada pelos sumero-babilônios em tábulas de argila há quase 4 mil anos. O primeiro contato com esses materiais no CEC se deu via traduções presentes na antologia ANET (*Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*), organizada por James Pritchard e publicada em 1950. Ordep publicou, a partir da tradução de Samuel Kramer, sua tradução A mais antiga epopeia do mundo. A gesta de Gilgamesh. (Funceb, 1985). Para apresentação deste livro, v. <https://ordepserra.files.wordpress.com/2008/07/gilgamesh1.pdf>.

interessei pelo do drama grego. Aí ele percebia que eu tava lendo, sentava perto da gente, e ficava comentando comigo. Às vezes era inconveniente, como eu contei a respeito das minhas leituras de Aristófanes. Até escrevi sobre isso, eu tava lendo a *Lisístrata*, e aí Eudoro chegava e perguntava: “O que é que estás a ler?” E eu estava dando gargalhada, não tem ninguém que leia comédia sem dar risada. Ai ele pegava o livro e ia comentar, o pior que ele era muito desbocado, e fazia em voz alta uma tradução bem mais desbocada da *Lisístrata*. As senhoras da biblioteca saíam de perto, e eu ficava meio constrangido, mas não resistia e gargalhava.

MM: É interessante, esse espaço lá da Reitoria era um espaço multiuso. Então tinha as cabines de estudo e tinha as salas de aula?

OS: Não, as aulas eram dadas em outras unidades. Tive aulas maravilhosas, mas eram justamente assim: estava lá lendo e Eudoro passava e ia conversar comigo sobre aquilo e acabava me dando uma aula.

MM: Então lá na Reitoria era uma biblioteca e tinha sala e mesas para estudar?

OS: É, tinha mesmo. Por exemplo, quando me tornei monitor tinha lá minha mesinha meu canto onde eu ficava. Eu trabalhava no CEC porque aí eu dava pra arrumar o CEC e ficar estudando. E lá Eudoro fazia muito isso, me dava alguma coisa para ler e aí aparecia e dizia “vamos conversar”, essa conversa era a melhor aula.

MM: Essa é uma vantagem de ter um espaço específico: você tem um espaço específico em que as pessoas estão estudando e relacionadas àquele centro de investigação. Você tem um diretor daquele espaço, naquele Centro e ele regularmente passa por lá para conferir o que que tá acontecendo.

OS: E a gente dialogava muito.

MM: Sim, as trocas interpessoais, não é?

OS: As trocas. No começo tive muita ajuda, por exemplo, de Xavier. O Xavier dominava bem o alemão e Eudoro exigia que a gente lesse em alemão. Então, eu aprendi alguma coisa em alemão com o Xavier. Eudoro dizia “Você tem que saber alemão, como vai estudar filologia clássica se não lê em alemão?!” Fui forçado a aprender alemão. E aí eu tinha o socorro do Xavier - me ajudava, dava dicas, me deu alguma aula, no começo até traduzia as coisas para mim. Tinha esse socorro múltiplo. Já cheguei sabendo algum Latim, porque estudara no colégio de Jesuítas italianos. Eudoro me pediu pra traduzir o canto sexto da *Eneida*. Essa tradução não sei onde é que eu botei. Aí, qualquer coisa eu pa-

rava e perguntava ao Xavier, ou para Jair{Gramacho} que eram bons latinistas. Quando eu fui ler o que Eudoro exigiu, Agostinho me ajudou a me acostumar com aquele Latim erudito. Tinha esse essa vantagem: era um espaço para você dialogar, pedir socorro. Outro {que me ajudou}foi António Telmo também, foi um latinista de Portugal.

MM: António Telmo veio para cá⁵³?

OS: Ele veio.

MM: Quando que você teve contato com ele?

OS: Perto do fim do CEC, e já tinha me formado, já era instrutor, é 67, por aí.

MM: Ele é bem famoso, publicou muito em Portugal.

OS: António Telmo Vitorino, também me socorreu.

MM: Mas é engraçado você falar isso por que como mudou a situação. É porque eu acho o seguinte que depois dessa coisa da construção, dos prédios, da construção dos programas de pós-graduação das diretrizes da Capes, tudo ficou muito engessado. Ou seja, são tantas correções, tantas regrinhas e tanto protocolos e tudo isso converge para uma individualidade. Uma individualidade, o isolamento do pesquisador e essas coisas.

OS: A UnB era muito aberta: a gente ia assistir uma aula por interesse puro. Por isso, era uma aula te interessava, você ia olhar se interessava, achava bonito, e ia ver uma aula de Rocha Miranda pelo prazer dela. Aulas do próprio João Evangelista em História da Arte, tinha muito essa abertura, tinha essa conversação e ajudava a gente. A Universidade conversava muito consigo mesma e foi uma coisa que se perdeu um bocado.

MM: Olha isso é bem isso. Excelente frase: “A Universidade conversava consigo mesma”! Mas também era menor e menos engessada.

OS: Era menor, era pequena. Até quanto eu estava fazendo pós-graduação lá ainda tinha um pouco dessas coisas. As coisas eram próximas. Então eu saía do Departamento de Antropologia e via alguma coisa fora em outro programa. Eu me sentia muito atraído pelo do Programa de Pós-graduação em Arquitetura,

53 António Telmo Carvalho Vitorino (1927-2010), filósofo e ensaísta português. Fotos de sua estadia em Brasília estão disponíveis em <https://www.antonio-telmo-vida-e-obra.pt/news/agostinho-da-silva-21-anos-depois-os-dias-de-brasilia/>

mas confesso para você que por outro modo de inspiração estética - tinha muita moça bonita.

MM:É, e as festas eram famosas.

OS: Pois é, aí eu ia assistir às aulas, não entendia nada, mas paquerava com as meninas e foi uma delas, acadêmica da UnB, com quem acabei me casando⁵⁴.

MM: A UnB te deu muita coisa, não sabia disso.

OS: Já fazem 43 anos...

MM: Parabéns!

OS: A UnB me deu muita coisa...

MM: Porque você saiu de casa e você não só estudava, como morava ali e subsistia ali naquele espaço.

OS: Morava, vivia dentro ali dentro e conhecia todo mundo.

MM: Mas essa questão que você falava... aí você tem um espaço de estudo, uma biblioteca excelente, poder ter essa troca, essas interações nesse espaço. Uma coisa que nós temos hoje na UnB é o Archai: o professor Gabriele Cornelli, ele tem um espaço assim.⁵⁵

OS: E isso é ótimo, Gabriele retomando esta tradição, é ótimo!

MM: O Gabriele revive uma tradição de convivialidade.

OS: No plano de Darcy Ribeiro, tinha que ter um espaço para alguns estudantes namorarem, para dormir lá... o namoradouro!

MM: A gente tem o beijódromo⁵⁶.

OS: Pois é, o beijódromo era para ser um canto mesmo assim. Na UnB se namorava muito né? Assim, isso lhe deram esse amor todo, existiam lugares onde se viu casais sentados na grama, muito amor, né!

54 Casou-se com Regina Maria Nunes Martinelli Serra.

55 Professor Gabriele Cornelli, do Departamento de Filosofia. Sobre a Cátedra Unesco Archai, v. <http://www.archai.unb.br/>.

56 Centro de vivência Memorial Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília.

MM: Muito amor!

OS: Era uma marca da UnB, essa namoração desenfreada

MM: Eu acho que hoje falta mais amor e mais convívio.

OS: Mais convívio , tomara que isso renasça...

MM: Agora vai vir uma demanda reprimida, com o isolamento... Vai vir depois que passar o isolamento e a demanda reprimida vai mas é...Quando você vai falando eu fico imaginando as situações. Eu vivi isso em 86, quando eu entrei na UnB}. Eu vivi isso com o Ronaldo, que veio depois⁵⁷...

OS: Ronaldo veio bem depois, ele era muito próximo de Eudoro também. Ele já pegou o remanescente do CEC, que era quando Eudoro passava para dar aula no Instituto Ciências Humanas junto com Emanuel.

MM: Ronaldo era um apaixonado pelo Centro: ele tentou replicar isso nas Letras. Eu participei do grupo. E ouvi as histórias que ele contava e a maneira dele se comportar com os estudantes, a maneira dele formar o grupo. Eu não tive o prazer de estudar com Eudoro. Eu fui para UnB para estudar com Eudoro em 86, mas ele já tava bem debilitado. Mas com o Ronaldo eu tive esse convívio eudoriano, como o que vocês tiveram com ele.

OS: Ele estava com Eudoro, estava com Xavier também. A gente era muito amigo, ele foi também da esfera, da órbita do CEC, mesmo chegando no fim.

MM: Eu acho que agora ...

OS: Que bom que o Gabriele está fazendo isso. Você e o Gabriele agora têm a responsabilidade de retomar o espírito dos Estudos Clássicos, de continuar... Vocês estão dentro dessa tradição, dessa história. ...

MM: Entender essa história...cada vez mais que eu entendo essa história desde os seminários que a gente fez que você participou, quando eu comecei a conversar com você e reler o Eudoro depois de anos, é uma forma também de se entender⁵⁸:

57 Ronaldo de Melo e Souza (1946-) discípulo de Eudoro. Levou gerações no Departamento de Teoria da Literatura, no qual foi professor até 1995, a conhecer e vivenciar o legado do CEC. Sobre esse tema, v. Mota (2012). Ronaldo escreveu sobre algumas ideias de Eudoro e sobre o CEC em Ronaldo (2002).

58 Referência ao *Seminário Internacional Eudoro de Sousa: Estudos de Cultura entre a U. Brasília e a U. Porto*, realizado na UnB em 2019. Para os anais do evento, v. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/17771.pdf>.

you have a belonging... You have a sense of belonging, and this opens a history that brings us close to people who were not synchronous, like me and you... of different generations. But by ideals, and by utopia, and by research, not only by the object, but by ideals and research we get closer. And I think that is a question now also for other people. So for that it is important to make these videos. And now, in 60 years of UnB, the people who were in the "UnBs" have already existed. And the project of CEC, it didn't close: it was interrupted. It can be resumed.

OS: It can be resumed, and at some point it will be resumed, without doubt.

MM: It has existed in a different way, but it has existed in a certain way and it didn't end: the interrupted dreams return.

OS: Because it is, the dream of CEC, a conception very generous, very large, it is important.

MM: It's so good: I will interrupt here for tomorrow the people to continue in the next meeting. Today we discussed, we talked a little about the first moments of CEC. Tomorrow we will talk about the daily life of CEC. And then we will have a meeting about how it was that this interruption happened. Good, for that the people to close our trilogy. Nothing better than a trilogy.

OS: It's good my dear.

Referências

CÉSAR, Constança Marcondes. *O grupo de São Paulo*. Lisboa: Casa da Moeda, 2000.

LÓIA, Luís. *Philosophia e Philomythia em Eudoro de Sousa*. Tese, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2018.

MOTA, Marcus. Entre livros e Eudoro: relato de algumas experiências. *Archai: Revista de Estudos Sobre as Origens Do Pensamento Ocidental* 8, p. 57-74, 2012.

RIBEIRO, Darcy. *A Invenção da Universidade de Brasília 1961-1995. Cartas: falas, reflexões, memórias*. Brasília: Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, 1995.

SERRA, Ordep. Resenha de Eudoro de Sousa, *Catábases: Estudos sobre as viagens aos infernos na antiguidade*. *Revista Archai*, n.14, p. 149-153, 2015.

SOUZA, Ronaldo. Horizonte e complementariedade em Eudoro de Souza. In: Márcia Valéria Gobbi, Maria Lúcia Fernandes e Renata Junqueira (orgs.) *Intelectuais portugueses e a cultura brasileira. Depoimentos e estudos*. São Paulo: Editora Unesp, p. 161-188, 2002.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Plano Orientador da Universidade de Brasília*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1962.

Anexo I

Civilização Clássica em Brasília⁵⁹

Teremos em Brasília, um Centro de Estudos das Línguas e Culturas Clássicas. Quando se fala numa nova iniciativa da nossa Universidade, não se deve empregar o futuro, pois nesse centro de educação superior essencialmente jovem, o entusiasmo jamais permite que muito tempo separe o projetado do realizado! Portanto, corrijo minha primeira frase e passo a escrever: a UnB já está organizando o seu Centro de Estudos das Línguas e Culturas Clássicas.

O professor Eudoro de Souza chegou, há dois dias, de Florianópolis para tomar as primeiras providências a respeito. Este classicista apaixonado era a pessoa indicada para dirigir um organismo que há de despertar interesse e respeito para com o classicismo na juventude universitária brasiliense.

Quando lembrei o interesse sempre menor pelo grego e latim no ensino de nível médio e a tendência de suprimi-los dos currículos secundários, o professor Eudoro de Souza respondeu que não se deve considerar o grego e o latim como línguas simplesmente, mas como um dos aspectos do conjunto que se chama cultura.

– Assim, já não parecerá inútil. Além do mais, o estudo dos clássicos é do maior interesse para o conhecimento da tradição cultural no Ocidente. Basta lembrar os grandes temas de Eurípidés e sua influência sobre Shakespeare ou um Racine.

Desprezando o aspecto de ginástica mental, muito citado pelos defensores do latim nas escolas, que não acha argumento válido, pois a matemática já é uma belíssima e suficiente ginástica, Eudoro de Souza declara que pretende despertar não só o interesse mas também a vontade de colaboração individual, nos alunos, incentivando a pesquisa individual e facilitadora com um museu, biblioteca, cinema e tudo o mais.

– Meu deus, uma das coisas que mais me divertem é o ambiente pseudo-grego dos filmes chamados “históricos”. Quando vejo a concepção dos cineas-

59 Texto de Yvonne Jean. Correio Brasiliense, 18 de abril de 1962. Acessado em nov.2021: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_01&pasta=ano%20196&pesq=eudoro%20de%20souza&pagfis=6865. Transcrição: Mariana L. Belchior. Revisão: Marcus Mota.

tas norte-americanos que derramam fitas pseudo-educativas sobre a juventude, fico bem humorado pois é por demais engraçado e tudo divulga exceto a alma grega, e todos os técnicos possui, exceto um perito em classicismo!

Eudoro de Souza é um homem bem-humorado e por isso é de esperar que este grande estudioso dos filósofos da Antiguidade consiga o contato com os estudantes. O contato sem o qual não se desperta a centelha sagrada⁶⁰.

Este português, que foi Diretor de Estudos Filológicos do Instituto para a Alta Cultura do Ministério da Educação de Portugal, possui sem dúvida a centelha sagrada! Aperfeiçoou-se na França – fez estudos superiores no Instituto Católico de Paris e no Collège de França – e na Alemanha – foi leitor de português na Universidade de Heidelberg enquanto fazia estudos clássicos.

Chegou ao Brasil em 1953, como bolsista. Colaborou na cadeira de Língua e Literatura gregas da Faculdade de Filosofia da Universidade de S. Paulo.

Em 1955, foi contratado como catedrático pela Universidade de Santa Catarina. Ensinou a língua e a literatura gregas na Faculdade de Filosofia de Florianópolis.

Nos primeiros dias de maio, o professor Eudoro de Souza estará instalado, definitivamente, entre nós. Ao acompanhar o filósofo no seu primeiro passeio de automóvel em Brasília sorri, por minha vez, ao observar o impacto causado pela arquitetura e ouvir este estudioso de séculos tão afastados, que vive há sete anos na encantadora e mui pacata ilha de Florianópolis, exclamar, primeiro: “compreendi o ritmo-UnB...naturalmente que esses tacos que estão colocando agora, já estarão encerados amanhã de manhã!” olhar em redor e respirar fundo nesses terrenos campestres imensos e declarar calma e paradoxalmente na cidade moderníssima com a qual acabara de travar conhecimento: “Brasília é mesmo o lugar ideal para ensinar a civilização clássica...!”

60 Referência ao mito de Prometeu: o titã teria roubado fogo dos deuses e dado aos homens. V. de Hesíodo *Teogonia* v.507-616.